

---

## "É Isso Mesmo Daí": a Representação de Jair Bolsonaro em Formatos Humorísticos da Rede Globo<sup>1</sup>

Renata de Paula DOS SANTOS<sup>2</sup>

Mauro de Souza VENTURA<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP

### Resumo

O presidente Jair Bolsonaro foi eleito em 2018 em um clima de intensa polaridade. Com um discurso que acirra ainda mais a disputa política, o brasileiro busca uma frequente aproximação com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, descrito como um *troll* no ambiente político. Conservador e com um discurso religioso, Bolsonaro trava uma verdadeira guerra com a imprensa. A partir da análise humorística de três formatos da Rede Globo, o objetivo geral é compreender como a representação do presidente tem sido construída. Tomando como base conceitos trabalhados por Eco (1989), Propp (1992) e Bergson (1993), no diz respeito ao humor, e uma ampla pesquisa em sites jornalísticos, é possível aferir que o humor da emissora transgride a imagem de Bolsonaro, ironizando a sua conduta pessoal e política.

**Palavras-chave:** Humor; Jair Bolsonaro; Rede Globo; Tá no Ar; Zorra Total.

### No tocante a esta questão...

Não é exagero classificar que, para uma parcela da população, Jair Bolsonaro não estivesse entre os candidatos com maior protagonismo na disputa à Presidência da República em 2018. Com um tempo menor na televisão e com menos recursos que os partidos tradicionais, como o PT ou o PSDB, o então deputado federal conseguiu quebrar um ciclo iniciado com o Partido dos Trabalhadores em 2002. A vitória de Bolsonaro se efetivou a partir da *internet* e dos novos hábitos de consumo de informação.

O objetivo geral deste artigo é compreender como a figura de Bolsonaro tem sido construída em formatos humorísticos. Esta pesquisa, de caráter exploratório, pretende perceber características que se aproximem aos conceitos de humor de transgressão (ECO, 1989) e riso de zombaria (PROPP, 1992), em formatos da *Rede Globo*, a partir do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru. E-mail: [renata.p.santos@unesp.br](mailto:renata.p.santos@unesp.br).

<sup>3</sup> Jornalista, Livre-docente em Jornalismo e professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: [mauroventura@faac.unesp.br](mailto:mauroventura@faac.unesp.br).

---

problema de pesquisa: “*Como o presidente Jair Bolsonaro é representado pelos formatos humorísticos da Rede Globo?*”. Os objetos de pesquisa analisados foram os seguintes vídeos: *Vila Militar do Chaves* (Tá no Ar, 15/01/2019); *Spia Essas Girls* (Zorra Total, 13/04/2019) e *Live do Bolsonaro* (Zorra Total, 02/11/2019). A *Rede Globo* tem adotado um tom de oposição direta ao presidente Jair Bolsonaro.

### **O que é humor?**

O humor é um campo estudado em várias áreas do conhecimento. Quando pensamos em nossa vida social ou mesmo nos ciclos políticos, ao menos no Brasil, ele é um fator recorrente para representar as figuras públicas, seja por meio da paródia, da charge ou da caricatura. Rapidamente, surge um humorista que assume o papel de ironizar o político em destaque. A eleição de um novo presidente, por exemplo, determina também o surgimento de um novo comediante nesta representação. Quando o assunto é Jair Bolsonaro, Marcelo Adnet parece despontar como um bom imitador do atual presidente. Ainda na *Rede Globo*, Fernando Caruso também interpreta o atual presidente.

O semioticista Umberto Eco indica que o humor é um recurso para a contestação da ordem social. O ator pontua a prática como uma forma de transgressão com a finalidade de desconstruir a ordem que está estabelecida. Estas são algumas das características que permitem encontrar na representação humorística um tom de oposição política ou, ao menos de crítica, à conduta do agente político. Neste sentido, Eco constrói o humor como um movimento de liberdade, capaz de superar os limites da ordem instituída. “El humor siempre es, se no metalingüístico, sí metasemiótico: a través del lenguaje verbal o algún otro sistema de signos, pone en duda otros códigos culturales. Si hay una posibilidad de transgressión, está más bien en el humor que en lo cómico (ECO, 1989, p. 19).

Ao se estabelecer contra a organização social, Umberto Eco considera que o humor supera a lei, construindo formatos comunicativos políticos e contestatórios. Ainda a este respeito, pode-se concluir que

El humor no pretende, como el carnaval, llevarnos más allá de nuestros propios límites. Nos da la sensación, o más bien el diseño de la estructura de nuestros propios límites. Nunca está fuera de los límites, sino que mina los límites desde dentro. No busca una libertad imposible, pero es un verdadero movimiento de libertad. El humor no nos promete liberación: al contrario, nos advierte la imposibilidad de una liberación global, recordándonos la presencia de una ley que ya no hay razón para

---

obedecer. Al hacerlo, mina la ley. Nos hace sentir la moléstia de vivir bajo una ley, cualquier ley (ECO, 1989, p.19).

As abordagens políticas se estabelecem enquanto um território amplamente fértil para a sátira. É possível afirmar que o humor de transgressão traz uma interpretação diferente daquela que se dá no cenário político. O discurso, quase sempre, é paradoxal ao emitido pelo político. O humor auxilia em novas reflexões que não estão presentes no texto jornalístico, por exemplo. A partir do recurso do chiste, da piada, do desfile carnavalesco ou da ironia, é possível estabelecer uma crítica bem construída. Não é exagero afirmar, por feito, que uma charge pode oferecer argumentos mais críticos ao leitor do que uma matéria nas páginas de um jornal ou mesmo que um artigo de opinião.

Henri Bergson (1993, p. 18) e Vladímir Propp (1992) pontuam que o cômico é da esfera do humano. O primeiro ainda aponta que o homem é “um animal que sabe rir” e “um animal que faz rir”, já que o riso só pode surgir a partir dos objetos ou de outros elementos da natureza que tomam o homem enquanto fator de comparação. O cômico, para Bergson, exige um distanciamento daquilo que motiva o riso. Em uma definição poética, o autor sugere a necessidade de uma “anestesia momentânea do coração. Dirige-se à inteligência pura.”. (BERGSON, 1993, p. 19).

Por mais que o riso pareça algo espontâneo, Bergson (1993) destaca que é impossível rir daquilo que não se compreende: o humor exige conhecimento prévio. Este é mais um aspecto que configura o riso como uma prática coletiva e com significado social. Nos vídeos que serão analisados neste breve artigo, todos transmitidos na televisão aberta, é possível presumir que a esquete e as paródias satirizam o atual Governo a partir de várias frentes, oscilando entre características morais, políticas e de capacidade profissional. O humor tensiona o momento atual do país. Nestes exemplos, não há uma sugestão de quebra, superação da ordem atual, mas uma profunda crítica aos representantes em exercício.

A crítica política aos representantes brasileiros é uma constante, mas os aspectos levados em conta são mutáveis. Aqui cabe uma explicação mais aprofundada: se no caso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as ironias abordavam, por exemplo, os problemas de dicção ou a possível dependência de álcool, se Dilma Rousseff era satirizada pela falta de clareza nos discursos, como a possibilidade de dobrar uma meta que está em aberto, ou Michel Temer pela sua aparência classificada como sombria, ou, de repente, os três por acusações de participação em escândalos de corrupção, as críticas

a Bolsonaro mantém estes pontos e tendem para outros mais preocupantes. O atual presidente construiu uma imagem, ao longo de sua trajetória política, de ser um indivíduo machista, racista, homofóbico e misógino, por exemplo. As críticas ao atual presidente transitam, a todo o tempo, entre o campo político e o pessoal. Por mais que Bolsonaro tenha tentado superar esta imagem durante a campanha política de 2018, ela está presente na forma como ele é visto no próprio ambiente político, pela oposição, no plano comunicativo e por parte do eleitorado.

A partir das reflexões do estruturalista russo, encontra-se a classificação do riso em seis tipos (de zombaria, bom, mau/cínico, alegre, ritual e imoderado). Para esta reflexão, o primeiro parece o mais apropriado. Propp (1992) indica que o riso de zombaria é o que mais se encontra na vida, construído na matriz do deboche. Cabe aos artistas encontrarem qual é o ponto certo e quais nuances devem ser abordadas para chegar ao riso:

Aquele que zomba comporta-se da mesma maneira tanto na vida como na arte. Existem procedimentos especiais para mostrar o que é ridículo na aparência, nas idéias ou nas atitudes de um indivíduo. Classificar em função dos objetos de escárnio é ao mesmo tempo classificar em função dos procedimentos artísticos com os quais se suscita o riso. (PROPP, 1992, p. 29-30).

### **Quem é Jair Bolsonaro?**

Com um discurso marcado pelo conservadorismo e pela religião, Jair Messias Bolsonaro tornou-se, em outubro de 2018, o 38º presidente brasileiro e o 8º eleito desde o fim do regime militar (1964-1985). Eleito a partir de um partido pequeno, o PSL - Partido Social Liberal, sigla a qual deixou no ano seguinte, após uma intensa polêmica com o seu presidente nacional, o deputado federal Luciano Bivar (PE) -, Bolsonaro tornou-se o terceiro militar escolhido nas urnas<sup>4</sup>.

Bolsonaro é mais um representante do avanço da onda conservadora na política atual. O presidente brasileiro sempre que pode, gosta de associar à sua imagem à do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Esta inspiração no modo de agir, governar, tratar com a imprensa e o anseio de uma relação mais estreita com o polêmico presidente norte-americano se materializou na tentativa do militar da reserva de indicar o

---

<sup>4</sup> Antes de Bolsonaro, os militares Hermes da Fonseca (1910-1914) e Eurico Dutra (1946-1950) também foram eleitos presidentes em momentos democráticos.

---

próprio filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) para a embaixada brasileira em Washington. A indicação exigia a aprovação do Senado e a renúncia do político ao cargo legislativo para o qual foi reeleito em 2018, como representante do Estado de São Paulo, mas não se efetivou. Yascha Mounk classifica que, assim como Trump, Bolsonaro se efetiva como uma ameaça à democracia:

Durante a campanha, Jair Bolsonaro demonstrou claramente suas semelhanças com Trump e Orbán [Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria]. Como eles, Bolsonaro se pintou como o único representante verdadeiro do povo e chamou seus adversários de traidores ilegítimos; e, também como eles, atacou as regras e as normas mais básicas da instituição do país – chegando a ponto de elogiar a ditadura militar que dominou o país por duas décadas cruéis. (MOUNK, 2019, p. 10).

Mounk (2019) destaca que Bolsonaro, assim como Trump, pode ser classificado como um populista de direita. Discursivamente, estes políticos se apresentam como os únicos representantes legítimos do povo, com intolerância para que os pensam diferente politicamente. Em um artigo publicado no Portal G1, em dezembro de 2019, quando Jair Bolsonaro estava prestes a completar um ano no Palácio do Planalto, o cientista político Sérgio Abranches, autor do conceito presidencialismo de coalizão para definir o cenário brasileiro, indicou que o chefe de Estado está disposto a uma radicalização política.

As milícias digitais hidrofóbicas do presidente, orientadas por pessoas muito próximas dele, não deixam dúvida de que o objetivo é eliminar do jogo político todos os que são vistos como do “outro lado”. Um lado que não contém só PT, mas todos os que são identifica [sic] como “globalistas”, do “comunistas”, e “terroristas”. O PT tem alas extremadas que inspiram milícias digitais muito raivosas, a ofender e desqualificar setores democráticos e, inclusive progressistas, que opuseram aos seus governos. Desde o final da eleição de 2014, a polarização no Brasil tendeu ao extremismo. O ápice foi em 2018, que rompeu o ciclo de polarização democrática que formou governo e oposição até então. (ABRANCHES, 2019).

Ao chegar à Presidência, Bolsonaro destacou que não estaria disposto a liberar cargos ou recursos para os congressistas em busca da aprovação de pautas favoráveis ao Governo. O presidente se apresentava como um representante da “nova política”. Mas ainda em 2019, para a aprovação da Reforma da Previdência, os jornais destacaram que o ele liberou cerca de R\$ 5 bilhões para garantir o apoio dos congressistas. Além disso, segundo a *Folha de S. Paulo*, para conseguir o apoio dos parlamentares, cerca de 300

---

indicações para cargos no Governo estavam sendo destravadas. Já em 2020, o Governo se aliou ao Centrão, grupo que reúne os partidos classificados como nanicos no Congresso Nacional.

Antes de ser candidato à Presidência da República, o então deputado federal Jair Bolsonaro ganhava destaque na imprensa nacional pelas polêmicas discursivas em que se envolvia. Provavelmente, o episódio mais notório no qual o atual presidente tenha se envolvido ocorreu em abril de 2016, durante a sessão em que a Câmara dos Deputados aprovou a admissibilidade do impeachment de Dilma Rousseff. Ao proferir o voto, favoravelmente ao afastamento da presidente, Bolsonaro homenageou o coronel Brilhante Ustra, que é o primeiro militar reconhecido pela Justiça brasileira como torturador. A postura do deputado federal foi amplamente criticada. A menção de Bolsonaro teve o seguinte teor: "Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim". (BOLSONARO, 2016).

### **O presidente é um troll?**

Na mitologia nórdica ou no folclore escandinavo, os *trolls* são gigantes medievais. Eles são semelhantes aos ogros, podem ser gigantes e habitam, geralmente, locais hostis, como grutas e cavernas. Em *The Hobbit*, de J. R. R. Tolkien, publicado em 1937, os *trolls* são criaturas gigantes e que viram pedra quando expostas à luz solar. Assim como outros termos, troll foi ressignificado na era da *internet*. No ambiente virtual, a palavra define usuários que irritam, intencionalmente, membros da comunidade em que participam. O *troll* se comunica por meio de mensagens controversas, conseguindo causar confusões e mudando o foco das discussões. Este tipo de usuário é comum em grupos com uma grande concentração de pessoas e que podem render discussões polêmicas. Popularmente falando, o *troll* seria o responsável por inflamar as discussões; ele "coloca lenha na fogueira".

Em *A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump*, Kakutani (2018) traça um paralelo entre o relativismo das ideias, filho legítimo do Pós-Modernismo, passando pela relativização do conceito de verdade e da ciência, até chegar a eleição do presidente dos Estados Unidos, em 2016, e a classificação do magnata como um *troll*.

---

Quando se trata de lidar com o presidente Trump, muitos destes mesmos republicanos simplesmente ignoram as suas múltiplas mentiras; sua nomeação de indivíduos lamentavelmente desqualificados para cargos importantes do governo; a deterioração arbitrária e arrogante de décadas de políticas interna e externa: suas decisões imprudentes (que muitas vezes parecem emergir, para usar as palavras de Pynchon em *O arco-íris da gravidade*, de “um caos de ofensas, caprichos, alucinações e babaquices generalizadas”). (KAKUTANI, 2018, p. 192-193).

Como já mencionado anteriormente neste artigo, é uma tentativa do próprio Bolsonaro esta aproximação com Trump. Tanto no Brasil quanto nos EUA, o *Twitter* tornou-se uma importante fonte de pautas para os jornalistas. Os dois presidentes, com um movimento iniciado pelo norte-americano, frequentemente driblam as assessorias de comunicação e fazem anúncios de políticas de governo pelo microblog. Kakutani (2019) é enfática ao afirmar que Trump é um troll. As semelhanças do brasileiro na conduta, ou pelo menos no intuito de se aproximar disto, permite a extensão desta análise da autora ao brasileiro. É possível estabelecer um paralelo nas posturas, haja vista que:

Trump, claro, é um troll – tanto pelo temperamento quanto pelo hábito. Seus tuítes e provocações desajeitadas são a essência da “trolagem” – as mentiras, o escárnio, os insultos, as afrontas, e as diabrites raivosas sem pé nem cabeça de um adolescente irritado, aflito, isolado e profundamente egoísta, que vive numa bolha autocentrada e recebe a atenção que deseja atacando seus inimigos e criando ondas de indignação e desalento por onde passa. Mesmo como presidente, ele continua a “trolar” indivíduos e instituições, tuitando e retuitando insultos, fake news e insinuações traiçoeiras. (KAKUTANI, 2018, p. 198).

Mounk (2019) aponta Bolsonaro como o maior adversário enfrentado pela democracia brasileira nas últimas décadas. Neste sentido, ele destaca que os políticos de oposição devem impedir que a agenda política nacional seja determinada pelo presidente. O caminho não é apenas se concentrar nas falhas pessoais ou mesmo políticas de Bolsonaro. Segundo o autor, a guerra com os *trolls* não deve ser discursiva, mas partir de uma estratégia mais bem definida. “Para resgatar o país, os defensores da democracia liberal precisam provar para seus concidadãos não só que Bolsonaro é ruim para a nação, como também que eles podem fazer um trabalho melhor.”. (MOUNK, 2019, p. 13). Por ora, vale ressaltar que todas as características de um *troll* identificadas em Trump são percebidas, em maior ou menor grau, em Bolsonaro.

## **Jair Bolsonaro e a relação com a imprensa**

“Ele ataca rotineiramente a imprensa, o sistema de justiça, as agências de inteligência, o sistema eleitoral e os funcionários públicos responsáveis pelo bom funcionamento do governo norte-americano.”. (KAKUTANI, 2018, p. 12). Por mais que o trecho que abre este intertítulo diga respeito a Donald Trump, ele traz muitas semelhanças com o presidente brasileiro Jair Bolsonaro, como já indicado neste texto. De acordo com um levantamento divulgado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o presidente foi responsável por mais de 58% dos ataques sofridos pelos profissionais de imprensa em 2019. Ainda de acordo com a entidade, que reúne os sindicatos da categoria, a maior parte dos ataques realizada pelo presidente se deu por meios oficiais, a partir de discursos e entrevistas publicados em páginas, como o site do Palácio do Planalto. A FENAJ considera a conduta do presidente Jair Bolsonaro como um ataque à liberdade de imprensa no país.

Jair Bolsonaro também vive uma relação conflituosa com a *Rede Globo*. Em outubro de 2019, o *Jornal Nacional* exibiu uma matéria citando o depoimento de um dos porteiros do condomínio em que o presidente tem casas no Rio de Janeiro. Ele informou que um dos acusados da morte da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ), Élcio de Queiroz, teria recebido autorização de um morador indicado como “Seu Jair” para entrar no condomínio no mesmo dia em que o crime foi cometido. Na reportagem, foi divulgado que Bolsonaro estava em Brasília na data. Posteriormente, o porteiro prestou um novo depoimento, onde destacou que teria errado o número da casa e não atribuiu mais ao então deputado federal a autorização para o ingresso no condomínio.

O presidente reagiu com uma transmissão pelas redes sociais. Bolsonaro afirmou que não estava no Rio de Janeiro, na data em questão, mas acusou a emissora de cometer uma ‘patifaria’. Por mais que tenha destacado que não persegue a emissora, ele citou a renovação da concessão, que será em 2022. Em mais um trecho da transmissão, demonstrando estar exaltado com o conteúdo divulgado, o presidente ressaltou: “É uma canalhice o que vocês fazem. uma ca-na-lhi-ce, TV Globo. Uma canalhice fazer uma matéria dessas em um horário nobre, colocando sob suspeição que eu poderia ter participado da execução da Marielle Franco, do PSOL.”. (BOLSONARO, 2019). A Rede Globo se defendeu das declarações e indicou não ter ofendido o presidente, mas cumprido



a sua obrigação enquanto um veículo de comunicação. Trecho da nota divulgada pelo grupo destaca que:

A Globo não fez patifaria nem canalhice. Fez, como sempre, jornalismo com seriedade e responsabilidade. Revelou a existência do depoimento do porteiro e das afirmações que ele fez. Mas ressaltou, com ênfase e por apuração própria, que as informações do porteiro se chocavam com um fato: a presença do então deputado Jair Bolsonaro em Brasília, naquele dia, com dois registros na lista de presença em votações. O depoimento do porteiro, com ou sem contradição, é importante, porque diz respeito a um fato que ocorreu com um dos principais acusados, no dia do crime. Além disso, a mera citação do nome do presidente leva o Supremo Tribunal Federal a analisar a situação. (GRUPO GLOBO, 2019).

### O humor da Rede Globo e Jair Bolsonaro

Jair Bolsonaro e a Rede Globo estão em guerra. De um lado, a indicação de que o Governo Federal vai cortar recursos de publicidade e de outro, as críticas frequentes nos telejornais e também nos programas de humor. A primeira esquete que será analisada neste artigo é a *Vila Militar do Chaves* (Figura 01). O formato considera apenas os primeiros 15 dias da gestão Bolsonaro. O quadro do programa *Tá no Ar* chamou a atenção por fazer uma paródia da Vila do Chaves, programa mexicano tradicionalmente exibido pelo SBT no Brasil. O enredo aborda a mudança na administração do local. O Sr. Barriga é substituído pelo novo dono da Vila, identificado como Capitão. Por mais que o personagem não receba um nome, rapidamente é possível perceber que se trata de uma sátira a Jair Bolsonaro, já que esta é a patente que ele possui no Exército. Além disso, o figurino é uma farda. Marcelo Adnet articula, de maneira hiperbólica, os vícios de linguagem e o sotaque do presidente, em expressões como "essa daí", "tá ok", "qüestão".

**FIGURA 01 - Vila Militar do Chaves**



---

Crédito: Reprodução Rede Globo, 2019

Ao se encontrar com os seus inquilinos, o proprietário destaca: "É isso mesmo, daí! Eu sou o novo dono dessa vila, daí! Depois de anos de incompetência e de má administração, eu vim resolver esta questão!". Já na primeira fala, há um destaque ao populismo exercido pelo atual presidente. Assim como destaca Mounk, ele se apresenta como o único representante legítimo do povo, ressaltando apenas as características negativas de seus opositores.

Na esquete, vários assuntos são abordados, o objetivo aqui é fazer apenas uma síntese. O Capitão critica a conduta de todos na Vila, a partir da expressão "vagabundo". O termo ofensivo é pronunciado pausadamente, com o objetivo de destacar todas as sílabas e ressaltar o tom agressivo e gritado do termo, uma espécie de "VA-GA-BUN-DO", quase uma separação silábica. A interpretação reforça a imagem negativa criada pelo político até então. Sr. Madruga é vagabundo por estar desempregado e devendo 14 meses de aluguel. Ao ser preso, o texto de Marcius Melhem é "eu já me arrependo de ter gritado fora Sr. Barriga", fazendo uma referência a expressão "Fora Temer", que ganhou bastante destaque nas redes sociais no mandato do ex-presidente. Com a decisão de que o segundo turno das eleições presidenciais em 2018 seria disputado entre Bolsonaro e Haddad ganhou destaque na internet a campanha "Fica Temer".

Quando Chiquinha (Luana Martau) chora, o Capitão diz que é compreensível, já que o pai dela deu uma fraquejada. Esta foi uma expressão utilizada pelo próprio político, em 2017, em uma palestra. "Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher.". O Chaves (Márcio Vito) é vagabundo por não ter casa e morar no barril; a dona Florinda (Renata Gaspar) por não ter marido e Girafales (Danton Mello) por ser professor de Quico (Maurício Rizzo) e namorado de Dona Florinda.

Ao longo do formato, de 3'31" são citadas expressões recorrentes no discurso de Bolsonaro como "acabou a mamata", "ideologia de gênero", "kit gay" e "ditadura gayzista". Marcelo Adnet encerra o texto perguntando sobre Fabrício Queiróz, assessor de Flávio Bolsonaro suspeito de participação em um esquema de propina no gabinete do ex-deputado, como já mencionado neste texto. "Aliás, rapazes, cadê o meu motorista que o meu filho me emprestou? Ah, não pode vir? Tem um problema nisso daí? No tocante a qual questão?". O encerramento do texto quebra a autoridade do presidente, a partir do

deboche e da zombaria. Há um movimento transgressor porque o humorista sugere uma cumplicidade de Bolsonaro com o esquema ilícito no qual o filho estaria envolvido.

O segundo vídeo (Figura 02), é uma paródia do clipe *Wannabe*, da atração internacional *Spice Girls*. O primeiro frame já dá o tom de como será a paródia da banda, que foi sucesso mundial nos anos 1990. No *Zorra Total*, as artistas foram identificadas como *Spia Essas Girls*, com a música *Em 2019*. O álbum é o *Taokei*, uma expressão recorrente utilizada por Bolsonaro, a partir da gravadora *Choro Livre*. Sem propriamente considerar a música criada pelos roteiristas do programa, a crítica atinge: a cerimônia de posse (com a presença de Carlos Bolsonaro, filho do presidente, ao lado dele e da primeira-dama, Michelle); a tentativa de flexibilização no porte de armas; o discurso no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, de apenas seis minutos; a polêmica da ministra Damares Alves de que os meninos vestem azul e meninas usam rosa; a vitória da Estação Primeira de Mangueira no carnaval carioca com homenagem à Marielle Franco; a polêmica envolvendo Fabrício Queiroz; a demissão de Gustavo Bebianno da secretaria-geral da Presidência após desentendimento com o filho do presidente, Carlos, o 02; declarações dos ministros quanto ao crime de caixa dois e a tentativa de determinar a obrigatoriedade do hino nacional nas escolas; o encontro com Trump, as polêmicas postagens de Bolsonaro no *Twitter* e a prisão de Temer.

**FIGURA 02 - Spia Essas Girls**

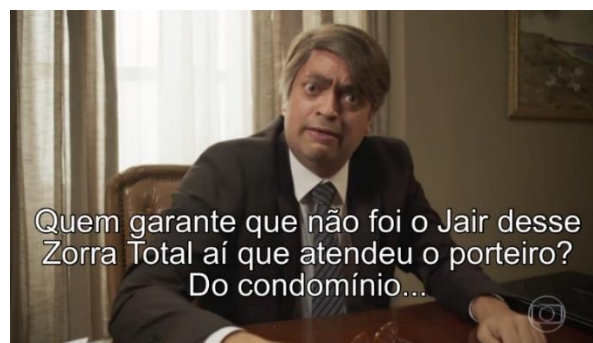


Crédito: Reprodução Rede Globo, 2019

As polêmicas alternam questões pessoais e políticas de Bolsonaro, como a crise no Governo desencadeada por Carlos Bolsonaro. O riso de zombaria e a transgressão se efetivam decisivamente no final do vídeo: "Em 2019, com o nosso presidente, foram só 100 dias e já pirou a gente! E 2019, começou a mil, temos tanto assunto e ainda estamos em abril." Os 100 primeiros dias são um marco para as gestões políticas. Representam uma espécie de tempo necessário para que a equipe possa mostrar como será o novo governo. No entanto, os aspectos destacados no *Zorra Total* ironizam a capacidade de Bolsonaro de governar. Esta construção humorística se aproxima daquilo que Eco classifica como "minar a lei". A autoridade de Bolsonaro é reafirmada pelo cargo de presidente, mas subvertida pela forma como ele é apresentado.

Para finalizar esta breve análise, a figura 03 é uma sátira da transmissão on-line realizada pelo presidente Jair Bolsonaro após ter o nome vinculado à investigação da morte da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, como exposto anteriormente. O ator Fernando Caruso mantém o tom excessivo assumido pelo próprio presidente (Figura 04) na crítica à Rede Globo, bem como os seus trejeitos, o ato de colocar e tirar os óculos e o tom ofensivo. O presidente utilizou as expressões canalhice e patifaria. O ator usa canalhas e patifes. Enquanto no vídeo original, o presidente atesta que é perseguido pela emissora e critica o jornalismo praticado pela rede, na sátira Bolsonaro critica a programação da Globo, como um telespectador descontente. Há uma inversão discursiva. Enquanto Bolsonaro, efetivamente, se afasta da emissora, preferindo, por exemplo, conceder entrevistas para outros canais, no *Zorra Total* ele é representado como alguém que critica a programação da emissora, bem como o desfecho das novelas.

**FIGURA 03 – Live do Bolsonaro**



Crédito: Reprodução Rede Globo, 2019

---

**FIGURA 04 – Vídeo original**

Crédito: Reprodução Redes Sociais

Para demonstrar o tom excessivo que a emissora atribui ao político, há uma referência ao uso do fantoche Louro José, no programa *Mais Você*, da apresentadora Ana Maria Braga. "E todo mundo sabe que o Louro José é um boneco! Vocês não enganam ninguém, TV Globo! E eu queria saber aonde que aquele homem coloca aquela mão, ali! Hã? Tem criança assistindo isso daí! Patifes! Canalhas!".

Bolsonaro fez uma referência a 2022 na *live*, destacando que será o ano em que vence a concessão da emissora, que precisa ser renovada a cada 15 anos. Caruso mantém, mas subverte, reafirmando que o presidente assiste à emissora. "Em 2022 a gente se encontra porque vai ter Copa no Catar e eu vou questionar, direitinho, o Seu Galvão Bueno para saber direitinho o que ele quer dizer com haja coração!". O humorista encerra a esquete destacando que o personagem do Zorra Total pode ter sido o responsável pelo nome de Bolsonaro ter sido relacionado ao caso Marielle, como indica a figura 03 e afirma que vai "dar um pulo no Jornal da Record", emissora da qual é aliado.

### **Considerações finais**

Jair Bolsonaro é uma figura polêmica e que se encontra no centro da polaridade política brasileira. A partir desta breve análise foi possível entender a trajetória política de Jair Bolsonaro, que chegou a presidência a partir de um partido nanico e com uma atuação pouco expressiva na Câmara dos Deputados. O brasileiro, assim como Trump, busca um contato mais pessoal com os eleitores, a partir de um discurso populista e carregado de preconceitos e estereótipos e que se afasta dos meios tradicionais da comunicação, tendendo às redes sociais.

---

Bergson (1993) e Propp (1992) apontam que para rir é preciso distanciamento. Desta forma, este artigo ou os formatos aqui analisados podem não fazer sentido para alguns possíveis leitores por vários motivos, entre eles: a ascensão do relativismo, o descrédito à Ciência, o desconhecimento dos fatos problematizados ou mesmo a defesa do discurso do presidente. Bolsonaro conta com o apoio de uma parcela representativa da população. Vale ressaltar que a *Rede Globo* não é isenta nesta relação e que, desde 1965, atuou de forma política, como faz agora. O humor é um meio de análise da política. Por outro lado, é importante frisar que a liberdade de imprensa é fundamental em qualquer democracia e que a postura de Bolsonaro com os veículos e com os jornalistas merece ser analisada. Os formatos aqui analisados se estabelecem como um marcador do primeiro ano da gestão Bolsonaro, com a análise dos primeiros 15 dias (Figura 01), dos primeiros 100 dias (Figura 02) e as tensões com a imprensa (Figura 03). É possível compreender que o discurso de crítica da emissora está consolidado tanto no jornalismo como no humor.

### Referências de pesquisa

ABRANCHES, Sérgio. **Que polarização?** Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/12/01/que-polarizacao.ghtml>. Acesso em janeiro de 2020.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico**. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

BOLSONARO IRONIZA LEVANTAMENTO DA FENAJ SOBRE ATAQUES À IMPRENSA. Estadão. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-ironiza-levantamento-da-fenaj-sobre-ataques-a-imprensa,70003165427>>. Acesso em janeiro de 2020.

BOLSONARO OFENDE A TV GLOBO EM TRANSMISSÃO NAS REDES SOCIAIS. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/10/30/bolsonaro-ofende-a-tv-globo-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>>. Acesso em janeiro de 2020.

BRAGA, Maria José. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil - Relatório 2019**. Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio\\_fenaj\\_2019.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf)>. Acesso em janeiro de 2020.

DEPOIS DE VERBAS, GOVERNO COMEÇA A LIBERAR CARGOS PARA CONCLUIR APROVAÇÃO DA REFORMA. Folha de S. Paulo. Disponível em:

---

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/07/depois-de-verbas-governo-comeca-a-liberar-cargos-para-concluir-aprovacao-da-reforma.shtml>>. Acesso em janeiro de 2020.

GLOBO DIVULGA NOTA EM RESPOSTA ÀS OFENSAS DE JAIR BOLSONARO. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/10/30/globo-divulga-nota-em-resposta-as-ofensas-de-jair-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em janeiro de 2020.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade:** notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso.** São Paulo: Ática, 1992.

SUSPEITO DA MORTE DE MARIELLE SE REUNIU COM OUTRO ACUSADO NO CONDOMÍNIO DE BOLSONARO ANTES DO CRIME; AO ENTRAR, ALEGOU QUE IA PARA A CASA DO PRESIDENTE, SEGUNDO PORTEIRO. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/10/29/suspeito-da-morte-de-marielle-se-reuniu-com-outro-acusado-no-condominio-de-bolsonaro-antes-do-crime-ao-entrar-alegou-que-ia-para-a-casa-do-presidente-segundo-porteiro.ghtml>>. Acesso em janeiro de 2020.

VEJA A BIOGRAFIA DE JAIR BOLSONARO, PRESIDENTE ELEITO DO BRASIL. Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-a-biografia-de-jair-bolsonaro-presidente-eleito-do-brasil.shtml>>. Acesso em janeiro de 2020.